

SEIS SEGUNDOS

Fernanda Martins Cardoso

A língua, que por motivos óbvios não era a sua, passeou pelo que talvez fosse a milionésima vez no amontoado de oito mil terminações nervosas, lançando um leve choque espinha acima e ela sabia que dentro de, mais ou menos, seis segundos estaria se contorcendo, meio falando e meio sem conseguir pensar em nada para dizer. Se não estivesse em tal situação, haveria de concordar que a língua humana é realmente muito interessante. Um órgão com a maior parte escondida no fundo da garganta e cuja parte exposta serve para mais funções do que muitos órgãos considerados vitais – tais como falar, auxiliar a succção de leite e mastigação, acomodar as papilas gustativas, etc. – e que consegue trabalhar por horas e horas a fio sem estafar. Um músculo voluntário que não estafa. Porque sim, apesar de tudo, senhoras e senhores, a língua é tanto um músculo quanto tomate é uma fruta. *Ignorance is bliss*, certo? Porém, melhor continuarmos mantendo o segredo do tomate e evitar que um desavisado coloque-o na salada de frutas no lugar do abacaxi ou do morango – que não são frutas.

Fruto de um arrepió nervoso que fazia as pontas dos seus dedos dos pés ficarem dormentes e tensionados, a antecipação liberava pelo corpo pequenas gotas de veneno incandescente – que era como ela imaginava funcionar essa coisa que a deixava quente por dentro, dormente por fora e mais ou menos soterrada pelo peso dos próprios gemidos presos no peito. Os dedos dos pés, penso, são o que de mais honesto há num corpo: sempre se torcendo, se esticando e adormecendo diante de frio, calor, cócegas, um sapato apertado ou uma topada no pé da cadeira de ébano maciço. Geralmente são esses mesmos os responsáveis pelo primeiro palavrão adolescente, aquele *puta que pariu* aos 11, 12 ou 13 anos que você finge que não aprendeu com o neto da vizinha de baixo e o resto da família finge que não ouviu, mas que todo mundo bem sabe que depois de pronunciado ali, em alto e bom som, na sala de jantar depois de arrebentar um dedo mindinho no pé da mesa depois do almoço de páscoa se tornará tão presente na sua vida como respirar ou fazer xixi. Os *puta que pariu* derivados dos acidentes podológicos tendem a ser perdoados facilmente até mesmo pela ala mais conservadora da família – pelo que deveríamos, talvez, agradecer aos dedos já que nenhuma família jamais concordou unanimemente sobre qualquer outra coisa além de topadas no mindinho do pé.

A ala conservadora teria, no entanto, muita dificuldade de aceitar tanto o passeio

linguístico *femme à femme* quanto a nova série de palavrões aprendidos depois dos 11, 12 ou 13 anos, todos meio sussurrados nesse momento. Os mais religiosos certamente apelariam a Deus, citariam pedaços inimagináveis da Bíblia – todos de Levíticos, provavelmente Levíticos 18:22. Os menos ortodoxos usariam psicologia barata, aquele famoso “é apenas uma fase”. Podem rir. Fato é que um parente conservador parece deter a mesma capacidade de compreender os detalhes realmente importantes na vida de uma mulher adulta que um porquinho da índia teria de se tornar astronauta: quase inexistente. Mas não duvidemos tanto assim do tal porquinho, vejam bem. Se aquela tia de 58 anos que fuma free vermelho e não bebe cerveja por ser bebida de homem conseguir entender que tomate é fruta e não colocá-lo na salada de fruta mesmo assim, talvez ainda haja esperança de que um dia ela descubra que a pronúncia certa é *clitóris* e não *clítoris*. Porém, se eu ainda estiver errando e o tomate permanecer legume... bom, Jair Bolsonaro será presidente daqui a seis anos.

Mas em seis anos muita coisa muda e em seis segundos, também – *apesar de você*, como diria Chico.

Imaginou que os dedos dos pés roçariam no lençol que se levantava de um dos cantos da cama quando mais uma pequena descarga elétrica perpassava a espinha e ela sabia que o alívio de toda aquela tensão estava a um roçar da ponta da língua que, sutil ou abrutalhado, aconteceria – talvez por tamanha certeza ou por ansiedade, perdeu o momento e voltou a contorcer-se ante os seis segundos mais demorados do mundo. Nesses momentos que se dá a perceber a realidade da quarta dimensão que tentam ensinar no colégio ou que tentamos entender nos filmes de astronautas: o tempo realmente parece contorcer-se mais do que minhocas sendo eletrocutadas. As vezes é capaz de se encurtar transformando anos em simples piscar de olhos, nos deixando com um gosto de bile na boca e o sentimento de que uma bruxa se apoderou da ampulheta do tempo para brincar com nossa cabeça – nessas horas, nossos filhos recém paridos vão morar sozinhos e os ossos da mãe morta já viraram menos que pó sob a terra. Por outras, como parece ser o caso, mesmo os milissegundos seriam capazes de se esticar completamente, ao infinito se quisessem – um deus impecável em seus domínios, oh Khronos! –, para aprisionar homens e mulheres nas masmorras da expectativa e angústia. Acredito que, no fim dos tempos, poderíamos culpá-lo pela maldição do Transtorno de Ansiedade Generalizada. Iroco não seria mais piedoso; penso que no fim a fúria dos deuses sempre irá nos escapar. Afinal, todos muito bons *ma non troppo* – fé em deus nenhum alivia mais a alma que a boca bem cheia de um palavrão.

E como dizíamos, foi com um último palavrão e cinco dedos emaranhados em fios de cabelo que ela arquejou as costas – um arco perfeito e retesado como um bodoque bem entalhado por um índio tupi guerreiro de pele vermelha com nome de pássaro. A outra mão voou para o lençol, certeira como uma flecha que nunca vaga sem destino, enquanto um terremoto parecia realocar placas tectônicas da ossatura da pélvis à nuca e ela, ainda no meio do caminho entre pangeia e os cinco continentes, parecia manifestar Gaia, Aphrodite ou Oxum com o corpo brilhoso de suado e completamente arrepiado. Depois, toda transformada em magma mole e quente, sorriu o sorrisinho debochado de quem já tem a passagem de ida pro inferno muito bem comprada e guardada, tentou balbuciar alguma coisa que saiu rouca da garganta machucada pelos sussurros e gemidos histéricos de antes, virou para o lado por sobre o ombro e dormiu.